

A Carne Orgânica Brasileira Sob a Ótica da Sustentabilidade

Autoria: Alexandre de Melo Abicht, Alessandra Carla Ceolin

RESUMO

O presente estudo realiza um panorama a cerca da sustentabilidade da carne orgânica brasileira e de como a agropecuária orgânica se encontra no mercado mundial, almejando contribuir na construção do conhecimento, podendo tornar-se base para futuros trabalhos a respeito da pecuária orgânica na ótica da sustentabilidade. Para execução do artigo foram utilizadas pesquisas do tipo exploratória, bibliográfica e descritiva. A coleta de dados buscou obter informações a respeito do assunto através dos livros, artigos, *journals*, entre outros, para então poder realizar-se a análise e interpretação de dados, verificando o que está ocorrendo atualmente no mercado de orgânicos, se o que ocorre realmente possui um cunho sustentável, as regiões do país que possuem a maior concentração orgânica, o processo de certificação, o papel dos *stakeholders* no processo e como o estado está atuando para evolução desse modo de produção. Por fim, são dispostas as considerações finais do trabalho.

PALAVRAS-CHAVE: Carne Orgânica; Sustentabilidade; Agronegócios; Agricultura Orgânica.

INTRODUÇÃO

O atual cenário global tem levado as pessoas à reflexão, ao pensamento e discussão sobre temas necessários à sobrevivência humana. Até pouco tempo não se comentava que um dia os recursos básicos poderiam tornar-se escassos. A partir dos anos 2000, muito tem-se ouvido falar a respeito do aquecimento global, o qual poderá gerar conseqüências incalculáveis à humanidade. Assim, há uma grande discussão sobre estes estudos, porém há um incipiente caráter científico que demonstre as possíveis conseqüências do efeito-estufa.

A cada dia que passa, a população encontra-se cada vez mais preocupada e conscientizada com a preservação ambiental, por conseguinte observa-se que o meio-ambiente não está conseguindo absorver os impactos resultantes das atividades humanas existentes, o que pode gerar em curto espaço de tempo, grandes tragédias decorrentes da despreocupação ambiental.

No continente americano e europeu, existia discussão em torno da sustentabilidade há algum tempo. Por outro lado, no Brasil inicia-se a preocupação supra mencionada somente pela decorrência dos inúmeros acontecimentos mundiais a cerca da sustentabilidade.

A questão da sustentabilidade abrange a população em geral e também todo e qualquer tipo de trabalho. O conceito mais difundido sobre o desenvolvimento sustentável foi desenvolvido pela *World Commission on Environment and Development*, WCED (1987) que é de reunir as necessidades do presente sem que comprometa o desenvolvimento das gerações futuras, reunindo suas necessidades próprias.

A sustentabilidade, em um primeiro momento, deve ser internalizada pelas organizações, já que não deve tê-la apenas como objetivo a realização de lucros, mas sim com o equilíbrio dos três pilares do desenvolvimento sustentável, o econômico, social e ambiental. Após sua internalização, tornará à externalizar-se na organização, podendo ser incrementada

através dos *stakeholders* que são os agentes que podem auxiliar ou serem auxiliados pela atuação das organizações (PALMA, 2007).

Através da possibilidade de escassez dos recursos naturais, Bansal (2005) considera que as organizações possuidoras de recursos extras, serão detentoras do desenvolvimento e capacidades únicas e inimitáveis.

Com isso, o presente trabalho busca analisar a produção da carne orgânica no Brasil sob a ótica de sustentabilidade, objetivando contribuir na construção do conhecimento, disponibilizando este como base para futuras pesquisas relativas à pecuária orgânica considerando os diversos fatores da sustentabilidade.

Segundo AAO (2007) a agricultura orgânica é um sistema de produção o qual elimina a utilização de fertilizantes sintéticos, agrotóxicos, reguladores de crescimento, aditivos na alimentação animal, que sejam compostos sinteticamente. Possibilita a utilização de esterco animais, rotação de culturas, adubação verde, compostagem e controle biológico das pragas e doenças. Objetiva a manutenção da estrutura e produtividade do solo, trabalhando sempre a preocupação da natureza.

Na agricultura orgânica um produto orgânico é considerado livre da utilização de insumos químicos, minimizando os impactos da agricultura sobre o meio ambiente e a saúde humana, diminuindo os custos de produção e, muitas vezes, aumentando tanto a lucratividade, quanto a produtividade das propriedades, gerando um produto de alta qualidade.

A carne orgânica é um produto submetido a um diferenciado processo de produção, pois há a necessidade desse possuir as conformidades ambientais, ser socialmente justo e ainda, ser economicamente viável. É uma carne que dispõe de um selo de certificação, graças ao rigoroso processo de auditoria e certificação que é submetida, objetivando a isenção de produtos químicos e também garantindo ser ambientalmente correta (WWF, 2007).

Diante desta introdução, o presente trabalho é dividido em mais 3 (três) seções. Na primeira, aborda-se uma breve fundamentação teórica, em torno da sustentabilidade e a situação atual do mercado da carne orgânica no país. Na seção seguinte é descrito o método utilizado para construção deste artigo. Na terceira seção, realiza-se uma análise a cerca dos temas discutidos, unindo a fundamentação teórica abordada com os resultados demonstrados pelo mercado. Por fim, mostram-se algumas considerações finais e apresentam-se referências que fundamentam o desenvolvimento desta pesquisa.

1 SUSTENTABILIDADE

A preocupação com a sustentabilidade da sociedade humana no Brasil teve seu início somente após a realização do evento mundial, ocorrido no referido país, o RIO-92, (TAKITANE e SILVA, 2001). Dessa forma, percebe-se que é recente a preocupação no país a respeito da sustentabilidade.

Segundo Almeida *et al.* (2002), o evento conhecido como RIO-92, especificamente através da Agenda 21, demonstrou a necessidade da implantação de práticas para o desenvolvimento sustentável das nações. Paralelamente ao RIO-92, ocorreu o Fórum Global 92, onde a sociedade civil e as organizações não governamentais deram origem ao “Tratado das ONGs relativo à agricultura sustentável.”

A partir desse momento começaram a surgir às normas ambientais, tais como a ISO Série 14.000, que normaliza os requisitos para um sistema de gestão ambiental, orientando grande parte das relações contratuais para o comércio internacional, possibilitando operacionalizar diversos acordos estabelecidos no evento ocorrido em 1992.

O conceito de desenvolvimento sustentável é considerado sinônimo de sustentabilidade. Afirmo WCED (1987) que, para ocorrer o desenvolvimento sustentável deve

ser dada atenção às três premissas, equidade social, integridade ambiental e prosperidade econômica.

A premissa da equidade social diz que toda a sociedade deverá possuir igualdade para o acesso de recursos e oportunidades. Quanto a integridade ambiental, considera-se que quando o ambiente natural for comprometido, os recursos básicos necessários à sobrevivência humana poderão estar comprometidos. Já, a prosperidade econômica refere-se a possuir uma qualidade de vida diante da capacidade produtiva das organizações e da sociedade. Toda e qualquer inovação eficiente e saudável torna-se um aspecto fundamental para o desenvolvimento sustentável corporativo.

As organizações que almejam a sustentabilidade deverão ser redesenhadas, reformuladas e reorganizadas, a fim de minimizar os seus impactos ecologicamente negativos. Deverá ser analisado o espírito de equipe, a união dos objetivos individuais com os objetivos comuns, pois possui uma reflexão direta no ambiente natural e humano. Também deverá ser estabelecida uma visão sistêmica, sendo necessária à institucionalização de sistemas de entrada, saída e de processamento (SHRIVASTAVA, 1995).

Hart (1995) conceitua o desenvolvimento sustentável relacionando-o com o crescimento, não prejudicando os recursos naturais utilizados, havendo a preocupação principalmente com os fatores que podem ocasionar as perdas. Para ocorrer o desenvolvimento, necessita-se a introdução de tecnologias inovadoras, já que as existentes possuem incompatibilidade com os objetivos sustentáveis.

O autor ainda considera que a sustentabilidade possibilita à organização tornar o desenvolvimento uma vantagem competitiva em um longo prazo, mas para que ocorra esta, vislumbra-se a necessidade das vantagens serem valiosas, não substituíveis, tácitas, socialmente complexas ou raras.

Um conceito muito difundido dentro do desenvolvimento sustentável é relacionado à gestão ecocêntrica, onde é ampliado um leque de benefícios e riscos à organização, pois ocorre a ampliação do ambiente organizacional, além de abranger as questões econômicas existentes são trabalhados os aspectos ambientais e sociais.

O ecocentrismo defende um ideal ecologicamente focado nas relações inteorganizacionais e na gestão interna. Para a organização tornar-se próxima da sustentabilidade é necessário possuí-la em todos os seus processos, normas e funções dentro da organização, inclusive com os seus relacionamentos externos, os *stakeholders*, (SHRIVASTAVA, 1995).

Para Hart (2005) é possível aplicar o conceito de sustentabilidade para a criação de valor para os acionistas. Uma empresa pode olhar para as decisões que afetam o valor dos acionistas por dois eixos, o primeiro relacionado se a atividade gerará retorno hoje ou amanhã e o segundo relacionado se a atividade é primariamente interna para a firma ou à entidades externas e, portanto, neste caso teria uma ligação maior com os *stakeholders*.

Da mesma forma, Starik & Rands (1995) consideram que todas as ações de uma organização devem ser planejadas e executadas de forma sustentável. Necessita-se primordialmente de uma gestão ecocêntrica, também é preciso que suas ações possuam um reflexo externo de forma multilinear, atingindo a sociedade como um todo. O principal desafio das Organizações Ecologicamente Sustentáveis (ESO) é de transformar o *Homo Sapiens* em uma espécie ecologicamente sustentável.

Para caracterizar as ESOs, os autores propuseram um modelo multinível a fim de analisar o relacionamento organizacional, através de um sistema aberto, disposto de tais fatores, como o ecológico, individual, organizacional, político-econômico e sócio-cultural. Sugerem, com isso que estes fatores podem servir como guia para o desenvolvimento das ESOs, permitindo aos gestores analisar as condições para tornarem ecologicamente

sustentáveis os fatores que necessitam demonstrar e as características para ser apresentada como uma ESO, conforme demonstra a figura 01.

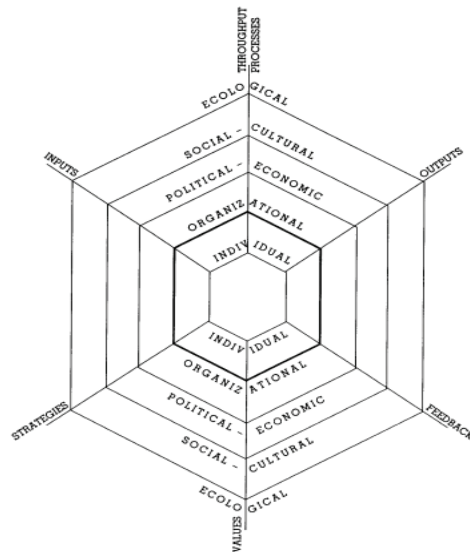


Figura 01 – Modelo Proposto por Starik & Rands (1995).

Algumas ferramentas também podem ser utilizadas para auxiliar na tomada de decisões dos produtores que desejem implementar a sustentabilidade no campo. Os autores, Sharma, Carmichael e Klinkenberg (2006) desenvolveram uma ferramenta chamada “*AgFutures*” a qual objetiva construir cenários realísticos do futuro e engajar os *stakeholders* para um debate relativo aos futuros desejáveis. Neste estudo, após a aplicação da referida ferramenta, foi possível gerar um incremento de cerca de 150% nos rendimentos dos produtores.

Outros autores consideram, também, que o desenvolvimento sustentável pode ser utilizado através de duas lógicas, a teoria da visão baseada em recursos ou a teoria institucional. A teoria da visão baseada em recursos possui ênfase nos processos internos da organização, pois estes acumulam importantes recursos e capacidades, levando a um desempenho superior aos seus concorrentes. Na teoria institucional é abordada toda e qualquer mudança que, diversas vezes, são motivadas por organizações que buscam uma aprovação social (BANSAL, 2005), sendo que, para uma organização tornar-se adequada ao desenvolvimento sustentável é necessário à aplicação desses princípios em todo o seu processo produtivo.

Hart (1995) discute que alguns fatores impactam diretamente para uma organização refletir sobre o desenvolvimento sustentável. Uma estratégia de prevenção de poluição, após ser implementada internamente na organização, com o tempo expandirá externamente, pois legitimará a imagem e a reputação da organização, perante o mercado; as organizações com capacidades de gerenciar questões socialmente complexas se tornarão aptas a acumularem estas habilidades ao desenvolvimento de seus produtos, com muito mais agilidade que a concorrência, que não dispõe dessa habilidade; as organizações que possuírem a capacidade de estabelecer uma visão de equipe acumularão os recursos necessários ao desenvolvimento sustentável, de maneira mais eficaz, que as outras organizações; com o passar do tempo, uma estratégia de desenvolvimento sustentável ampliará os horizontes da organização, colaborando no relacionamento entre os órgãos públicos e privados, possuindo relevante necessidade para o desenvolvimento de novas tecnologias.

2 AGROPECUÁRIA ORGÂNICA

Para Ehlers (1999) foi o pesquisador inglês Albert Howard que deu início aos estudos sobre a agricultura orgânica, considerando-se o pai da agricultura orgânica. Howard observou em uma estação experimental na Índia, onde trabalhou por muitos anos, que os camponeses *hindus* não utilizavam fertilizantes químicos, porém empregavam métodos alternativos para reciclar os materiais orgânicos.

Também, percebeu que os animais utilizados para tração não apresentavam nenhuma doença, ao contrário dos animais da estação experimental onde trabalhava, os quais eram empregados diversos métodos de controle sanitários. No final da década de 20, Howard dirigiu o instituto de pesquisas de plantas na Índia, onde realizavam-se diversos estudos sobre compostagem e adubação orgânica. Com isso, o autor publicou diversas obras tendo cunho relevante para a ciência, tornando-se um referencial científico para pesquisadores e praticantes do modelo orgânico.

A revolução verde ocorrida após a Segunda Guerra Mundial contribuiu para o aumento, em larga escala, da produtividade agrícola do mundo inteiro. Surgiram ainda, outros problemas devido ao uso abundante de produtos químicos, tais como, defensivos, fertilizantes, entre outros que objetivam o crescimento da produção animal e vegetal (FIGLIOLINI, 2002).

Para ampliar ainda mais a frustração dos consumidores em relação aos produtos consumidos, surgiram nos animais, doenças como a vaca louca, a gripe aviária, entre outras. Ainda, o aumento da poluição no meio-ambiente, a poluição dos rios, as chuvas ácidas, e o tão evidenciado efeito estufa, que cada pesquisador demonstra a sua causa e consequência, alertam a população do mundo inteiro para aumentar cada vez mais os cuidados na ingestão dos alimentos.

Todos os fatores já mencionados e ainda outros mais, proporcionam aos consumidores uma demanda no consumo de produtos diferenciados, de modo que possam conhecer sua origem, se o processo de fabricação está ocorrendo de forma adequada, se possui a preocupação em agredir o mínimo possível o meio ambiente, ou seja, um produto que seja sustentável. Com isso, cria-se a oportunidade para o produto orgânico, visto que há uma sinalização de qualidade, graças a sua certificação, de ser um produto sustentável.

No mundo inteiro já se ouve falar no produto orgânico, tendo uma relevante presença na Europa, devido à preocupação dos órgãos governamentais com a elevada poluição, tanto nas propriedades rurais, quanto no perímetro urbano, fazendo com que os consumidores percam a confiança dos produtos fabricados através de processos convencionais.

Para FAO (2007) o mercado orgânico representa 10% do sistema alimentar mundial na Áustria, 8% na Suíça e cresce anualmente em taxas superiores a 20% nos EUA, na França e no Japão, movimentando um numerário de aproximadamente 25 bilhões de dólares.

O Ministério da Agricultura americano - *United States Department of Agriculture* - (USDA) é o grande órgão regulamentador mundial a cerca dos produtos orgânicos, que conceitua o alimento orgânico como um produto produzido pelos fazendeiros que enfatizam o uso de recursos renováveis, a conservação do solo e da água focando na qualidade ambiental para as gerações futuras (USDA, 2007).

Os produtos orgânicos, tais como, a carne bovina, as aves domésticas, os ovos, entre outros, deverão ser oriundos de animais que não possuam aplicação de antibióticos, ou hormônios do crescimento. O alimento orgânico é produzido sem a utilização da maioria de pesticidas convencionais, fertilizantes fabricados com ingredientes sintéticos, bioengenharia, radiação ou ionização.

Antes do produto possuir a permissão para ser etiquetado como orgânico, um certificador do governo inspeciona a fazenda onde o alimento é beneficiado, com isso é então

verificada se o produtor rural está seguindo todas as normas necessárias para gerar um produto com padrões orgânicos (USDA, 2007).

Segundo Darolt (2003), a preocupação com os pequenos agricultores da América do Sul, fez com que cerca de 80 (oitenta) organizações desenvolvessem projetos com relação à agroecologia, destacando-se o Movimento Agroecológico Latino-Americano, trabalhando em 15 (quinze) países da região, e, o Consórcio Latino-Americano sobre Agro-Ecologia e Desenvolvimento. O continente sul-americano ocupa 3º lugar mundial na produção orgânica, possuindo em torno de 21% da superfície total manejada no sistema orgânico. O Brasil possui a 3ª maior área orgânica na América e o 2º lugar em número de produtores, conforme demonstra a tabela 01.

Tabela 01 – Situação da Agricultura Orgânica na América

PAÍS	ÁREA ORGÂNICA (Hectares)	NÚMERO DE PRODUTORES	% ÁREA TOTAL	DATA
ARGENTINA	3.192.000	1.900	1,89	2001
BOLÍVIA	19.634	5.240	0,06	2001
BRASIL *	275.576	14.866	0,08	2001
CHILE **	3.300	300	1,50	2000
COLOMBIA	30.000	4.000	0,24	2001
COSTA RICA	8.974	3.569	2,0	2000
EQUADOR ***	10.000	2.500	-	2001
EL SALVADOR	4.900	1.000	0,31	2000
GUATEMALA	14.746	2.830	0,33	2000
NICARÁGUA	7.000	2.000	0,09	2001
PARAGUAY	61.566	2.542	0,26	2001
PERU	84.908	19.685	0,27	2001
R. DOMINICANA	14.963	1.000	0,40	2001
URUGUAI	678.481	334	4,00	2001
OUTROS	78.065	5.533	-	2000/01
TOTAL	4.743.813	75.799	-	-

Fonte: Darolt (2003).

A normalização da produção orgânica no Brasil é regulamentada pela Lei Federal 10.831/2003, a qual conceitua o sistema orgânico de produção agropecuária como um sistema em que são adotadas técnicas específicas, realizando-se a otimização do uso de recursos naturais e socioeconômicos disponíveis e, ainda, o respeito à integridade cultural das comunidades rurais. Objetiva também a sustentabilidade econômica e ecológica, a maximização dos benefícios sociais, a minimização da dependência de energia não-renovável sendo utilizado sempre que necessário, os métodos culturais, biológicos e mecânicos, eliminando-se o uso de insumos sintéticos, de organismos geneticamente modificados e radiações ionizantes, em qualquer fase do processo produtivo, protegendo sempre o meio ambiente (BRASIL, 2003).

Segundo Willer & Yuseffi (2005), em 2003 o Brasil já possuía mais de 800.000 hectares de orgânicos certificados, gerando uma receita de aproximadamente US\$ 200 milhões. Os mercados dos produtos orgânicos no Brasil, juntamente com a Argentina, possuem o maior desenvolvimento na América Latina, cerca de 45% de suas vendas são destinadas aos supermercados, 26% às feiras e 16% para lojas especializadas. O Brasil exporta, principalmente, produtos *in natura*, tais como, o café, a banana, a soja e o milho. Por conseguinte, a cada dia que passa cresce mais a exportação da carne orgânica.

Ainda considera-se que o Brasil é o 11º país do mundo no número de propriedades orgânicas, porém possui somente 0,23% de suas terras cultivadas com agricultura orgânica, considerando-se o 57º país do mundo. Como grande diferencial que o Brasil possui em relação aos produtos orgânicos, sempre é lembrado porque possui uma exuberante natureza (CALDAS, 2007).

Atualmente, o Brasil vive um *boom* no crescimento na pecuária orgânica, pois o seu mercado mundial cresce mais de 25% ao ano, enquanto que a pecuária convencional não passa de 1% o seu crescimento anual (HADDAD & ALVES, 2005).

O projeto Pró-Orgânico desenvolvido pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento realizou diversas pesquisas objetivando verificar como está se comportando a agricultura orgânica no Brasil, assim o Pró-Orgânico (2007) demonstra como a agropecuária orgânica é encontrada nas regiões do país e, também, como os produtores estão trabalhando a questão do processo de certificação, conforme apresenta-se na tabela 02.

Tabela 02 – Demonstrativo da Agropecuária no Brasil em relação aos processos de certificação

Região do País:	Área total com Agropecuária Orgânica	Área total com Agropecuária Orgânica Certificada	Área com Agropecuária Orgânica em Processo de Certificação
Centro-Oeste	65%	39%	85%
Sul	15%	29%	6%
Sudeste	10%	14%	6%
Nordeste	9%	17%	3%
Norte	1%	1%	0%

Fonte: Adaptado de Pró-Orgânico (2007).

Diante da tabela apresentada, pode-se observar que há uma predominância da região centro-oeste das demais, tanto na sua área destinada à produção orgânica, quanto no processo de certificação. Observa-se ainda neste referido estado, uma relevante presença de produtores nos processos de certificação.

Demonstra Pró-Orgânico (2007) que a pecuária orgânica também possui uma maior concentração na região centro-oeste do Brasil, conforme demonstra o gráfico a seguir:

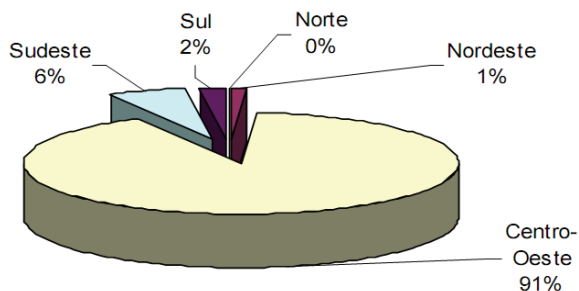


Gráfico 01 – Área destinada à pastagem em cultivo orgânico no Brasil

Fonte: Pró-Orgânico (2007).

O primeiro passo a ser realizado em uma propriedade para dar início a produção pecuária orgânica é o processo de certificação da unidade de produção. Devem ser adotadas medidas para adequar seu sistema à agroecologia, pois o foco da certificação são os processos de produção e não apenas destinadas a um determinado produto agropecuário (NOGUEIRA, 2002).

No ano de 2006, através da união dos produtores de carne orgânica do estado do Mato Grosso do Sul, foi fundada a Coperbio (Cooperativa de Produtores Orgânicos da Região do Pantanal), a qual trabalha em parceria com a ABPO (Associação Brasileira de Pecuária Orgânica). O objetivo desta cooperativa é o de integração dos elos de toda produção primária, desde o abate até a comercialização de produtos e subprodutos da pecuária de corte (WWF, 2007).

A Coperbio possui 20 pecuaristas na sua composição social, possuindo grande parte de suas propriedades na região do Pantanal da Nhecolândia. O rebanho total dos associados é de aproximadamente 50 mil cabeças, dentre uma área de 240 mil hectares.

Para WWF (2007) a carne orgânica certificada é produzida sob um sistema produtivo ambientalmente correto, socialmente justo e economicamente viável. Este sistema é submetido às auditorias e certificação, o que sinaliza que carne produzida na forma mais natural possível, livre de resíduos químicos e com preocupação socioambiental.

Segundo Mamede (2007) a produção de produtos orgânicos, tanto os grãos, quanto as carnes, ainda é considerada pequena, se comparada aos produtos não orgânicos. Porém, considera-se um mercado em pleno crescimento, pois o volume de negócios em 2007 foi de aproximadamente US\$ 23,5 bilhões no mundo, sendo US\$ 10 bilhões somente nos EUA, US\$ 10,5 bilhões na Europa, US\$ 2 bilhões no Japão e a cerca de US\$ 1 bilhão no resto do mundo.

Aparentemente o que diferencia a carne orgânica das convencionais nas gôndolas de supermercados é o selo de certificação de produto orgânico, garantindo que estas foram submetidas a um processo extremamente natural de produção, predominando uma qualidade elevada. Pesquisa realizada por Haddad e Alves (2005) em relação ao comportamento de compra de consumidores das classes A e B, em uma grande rede varejista, relata que o principal fator que faz com os clientes adquiram carne orgânica é a preocupação com a preservação ambiental em sintonia com o sistema de produção. Com isso, revela-se que os consumidores estariam dispostos a comprar a carne orgânica e que podem pagar cerca de 20% a mais sobre o preço das carnes tradicionais.

No Brasil existem diversas empresas certificadoras, porém apenas uma delas possui a acreditação dos órgãos internacionais, o Instituto Biodinâmico (IBD). O IBD é uma organização brasileira, sem fins lucrativos, que possui o credenciamento internacional desde 1995, sendo pioneira e única até o momento, que possibilita as propriedades certificadas à exportação de seus produtos (IBD, 2007).

O processo de certificação é um processo de fiscalização e inspeção das propriedades agrícolas e dos processos de produção, a fim de verificar se o produto está sendo cultivado ou processado de acordo com as normas de produção orgânicas ou biodinâmicas. O foco da certificação é sobre a terra e o processo de produção. A certificação exige uma série de cuidados, desde a desintoxicação do solo até o envolvimento com projetos sociais e de preservação do meio ambiente (IBD, 2007).

Lançado recentemente pelo IBD, o Programa de Certificação para Animais, direcionado à pecuária de corte, dispõe de uma rastreabilidade total, fazendo o uso de *software* destinado exclusivamente para este objetivo e com dados de lotes orgânicos totalmente *on-line*. O referido é pioneiro no mundo neste tipo de ação, também o IBD considera fundamental a rastreabilidade (IBD, 2007).

Explana Nogueira (2002) que a pecuária orgânica mostra-se interessante, mas alguns motivos levam aos produtores não aderirem este tipo de pecuária, que dentre as possibilidades, é que vêm ocorrendo uma falta de conhecimento da pecuária orgânica pelos produtores. Dever este do Estado na realização e implementação de campanhas informativas demonstrando a proposta de desenvolvimento sustentável, mostrando que esta traz benefícios sociais consideráveis.

Outro fator impactante é relativo à confiabilidade desses sistemas não possuem comprovação técnica, nem científica, que acabam restringindo somente à informações publicadas por seus defensores, possuindo caráter meramente contábil e ideológico.

Um relevante entrave existente para o produtor durante o processo produtivo da pecuária orgânica está na dificuldade de adequar-se às normas impostas pela certificadora. Igualmente, ocorre uma deficiência na legislação vigente a respeito dos alimentos orgânicos de origem animal. Por conseguinte, há necessidade da realização de um trabalho em torno dos consumidores a fim de que estes possam adquirir os derivados de produtos animais orgânicos em quantidade, qualidade, diversidade e regularidade (DAROLT, 2001).

3 MÉTODO

O presente trabalho, primeiramente caracteriza-se como de natureza exploratória e descritiva, em que possui como principal objetivo prover a compreensão do problema, enfrentado pelo pesquisador (MALHOTRA, 2001). Buscou-se verificar através de informações disponibilizadas em livros, artigos, *journals*, entre outros, se os dados a cerca da sustentabilidade e o mercado de carne orgânica são coerentes.

Segundo Cervo & Bervian (2002), para realização de estudos exploratórios, não há necessidade de haverem hipóteses para serem testadas, focando-se na definição dos seus objetivos e buscando informações além do assunto que está sendo estudado. Santos (2000), diz ainda que a pesquisa exploratória e, na maioria das vezes, realiza-se o levantamento bibliográfico, entrevistas com profissionais que estudam ou atuam na área pesquisada, visitas a *web sites*, entre outros.

A pesquisa descritiva foi utilizada para estabelecer relações dos fatores, analisando-os e estabelecendo considerações a respeito do assunto. “As pesquisas descritivas têm como objeto primordial a descrição das características de determinada população, fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis” (GIL, 1999).

Utilizou-se também a pesquisa bibliográfica, já que objetiva explicar um problema a partir de referências teóricas, publicadas em documentos. Este tipo de pesquisa busca conhecer e analisar as contribuições culturais ou científicas do passado existentes sobre um determinado assunto ou problema (CERVO & BERVIAN, 2002). A pesquisa bibliográfica buscou fundamentar o objetivo central do artigo, demonstrando quais os fatores utilizados para garantir a sustentabilidade da carne orgânica.

A coleta de dados foi realizada através de levantamentos bibliográficos nas literaturas pertinentes ao assunto da sustentabilidade e agropecuária orgânica.

Por fim, é realizada a análise e interpretação das informações obtidas de maneira a obter os resultados que serviram para a construção e fechamento desse trabalho, incluindo indicações para trabalhos futuros.

4 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DE DADOS

Como todo processo produtivo existe tanto externalidades positivas, quanto negativas, sob a ótica sustentável. A agropecuária orgânica demonstra através de vários dados e trabalhos apresentados ser um produto extremamente preocupado com o desenvolvimento sustentável.

Os estudos relativos ao ecocentrismo mostram-se muito pertinentes para este tipo de produção, já que se deve iniciar internamente em desenvolver o trabalho de conscientização e adaptação do desenvolvimento sustentável e após, com o auxílio tanto interno, quanto dos *stakeholders*, ser ampliado externamente. O Estado, associações, cooperativas de produtores, certificadoras podem ser considerados *stakeholders* do processo de externalização da pecuária orgânica. Essa análise está, também, embasada nas considerações de Hart (2005) quando relata que as empresas que forem buscar novas oportunidades precisam ultrapassar a idéia de focar apenas no ponto de vista de *stakeholder* relacionado àqueles atores que já estão próximos ao negócio atual. As companhias precisam considerar não apenas clientes, fornecedores e órgãos regulatórios, mas também organizações não governamentais, grupo de ativistas e outros entidades de *stakeholders* não tradicionais.

Observa-se que a necessidade da produção orgânica mundial a cada ano que passa, amplia-se cada vez mais, enquanto que a produção convencional possui uma incipiente taxa de crescimento anual. O elevado consumo, bem como a produção dos produtos orgânicos

ocorre principalmente nos países desenvolvidos. Assim, encontrando-se uma excelente oportunidade para os países em desenvolvimento para sua inserção no mercado global.

No Brasil, a produção orgânica também não possui comportamento muito diferente. É um dos países que mais desenvolvem produtos orgânicos no mundo, possuindo um potencial de crescimento considerável, devido à sua vasta área de agrícola existente.

Conforme demonstram os dados apresentados anteriormente, observa-se que a agropecuária orgânica possui concentração maior em alguns estados brasileiros. Um dos fatores pode ser devido aos incentivos fiscais estaduais, também em relação à sanidade animal, o clima, o tipo de pasto, que podem tanto em conjunto, como separadamente tornar-se fatores de impacto na diferenciação de adaptação e desenvolvimento de cada produto orgânico.

Os produtos orgânicos são produzidos principalmente, por pequenos produtores rurais, os quais têm este tipo de produção como objetivo, devido ao seu baixo custo de produção. Porém na pecuária orgânica há um comportamento um pouco diferente, devido aos custos de migração de um tipo de pecuária para o outro e também os custos de certificação de uma propriedade.

Com a diversidade e a qualidade dos cortes de carnes ofertados nas redes varejistas, a carne orgânica precisa possuir um diferencial competitivo e visível, em relação aos outros, para poder sinalizar sua qualidade e justificar seu preço relativamente mais elevado e, devido sua semelhança em termos de aparência, sabor e maciez que possui diante os cortes de carne convencionais.

Assim, para produzir a carne orgânica e se tornar possível a sua comercialização nas redes varejistas e grandes frigoríficos, é necessária a certificação. No Brasil, diversas são as certificadoras, porém somente uma dispõe do credenciamento internacional, ou seja, que possibilite a exportação dos seus produtos.

O processo de certificação da carne orgânica não é tão simples, já que não é possível somente certificar o processo produtivo da carne, mas sim, toda a propriedade necessita ser certificada. Para a realização do processo completo é preciso ocorrer uma adequação da propriedade às normas vigentes e, também, um relevante dispêndio de recursos financeiros e operacionais. Após isso será produzido um produto sustentável, possibilitando um incremento no valor final do produto em relação aos convencionais.

Entretanto, vale ressaltar como um dos entraves existentes, uma incipiente normalização do Estado sobre a pecuária orgânica, ficando esta somente a cargo das certificadoras que, muitas vezes, torna a sua implementação inviável, não só no aspecto financeiro, mas também técnico.

Outra deficiência neste tipo de produção, por parte do Estado, é que não existem estatísticas oficiais de sua evolução, especificamente da pecuária orgânica, tanto no aspecto de produção, quanto de consumo, ficando muitas vezes a mercê das certificadoras ou mesmo, das associações de produtores, ou ainda, de órgãos não governamentais, podendo, muitas vezes, deixar de existir a neutralidade e imparcialidade necessária à pesquisa.

Portanto, há uma incipiência em torno do conhecimento da produção de pecuária orgânica, tanto para os produtores, quanto aos certificadores, o que não possibilita a avaliação do produto do ponto de vista econômico, pois não se consegue considerar o produto economicamente viável, já que os estudos disponibilizados aos produtores são somente ofertados pelas certificadoras e órgãos não governamentais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final da elaboração deste trabalho, é possível realizar algumas considerações a cerca da sustentabilidade da pecuária orgânica no Brasil.

O produto pode tornar-se sustentável, aliás, possui diversos fatores para que isto ocorra, havendo uma necessidade maior, tanto na análise, quanto na ampliação dos papéis dos *stakeholders* envolvidos na cadeia produtiva.

O agente que está com maior deficiência dentre os *stakeholders* é o Estado, pois não realiza pesquisas nesta área, através dos seus ministérios e secretarias, deixando na maioria das vezes, o mercado dependente de empresas privadas e de organizações não governamentais.

Ainda, ocorre uma considerável falta de informação do tipo de produção, por parte dos produtores, os quais somente conhecem a produção orgânica, através das certificadoras e de outras empresas privadas.

Por outro lado, os consumidores, conforme demonstram pesquisas já realizadas, demonstram conhecer o produto orgânico e ainda, dão preferência em consumi-los, dispostos a pagar um pouco mais por eles, mas para isso ocorrer é necessário uma sinalização de qualidade, além da disponibilidade de produtos orgânicos.

Por fim, o presente trabalho conseguiu atingir o seu objetivo primordial que é de realizar um panorama a cerca da pecuária orgânica no Brasil, sob a ótica de sustentabilidade. Como sugestões de trabalhos futuros, poderão ser realizadas pesquisas relacionando produtor, certificador e seus *stakeholders*, a fim de verificar o seu nível de interatividade, analisando os elos da cadeia que estão precisando de um maior aperfeiçoamento e adaptação.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, D. L.; AZEVEDO, M. S. F. R.; CARDOSO, M. O.; DE-POLLI, H.; GUERRA, J. G. M.; MEDEIROS, C. A. B.; NEVES, M. C. P.; NUNES, M. U. C.; RODRIGUES, H. R.; SAMINEZ, T. C. O.; VIEIRA, R. C. M.; **Agricultura Orgânica: Instrumento para a Sustentabilidade dos Sistemas de Produção e Valoração de Produtos Agropecuários**. Seropédica: Embrapa Agrobiologia, 2000.

AAO, **Associação de Agricultura Orgânica**. Disponível em: <<http://www.aao.org.br>> Acesso em: 10 ago. 2007.

BANSAL, Pratima. *Evolving Sustainably: a longitudinal study of corporate sustainable development*. **Strategic Management Journal**. v. 2, p. 197-218, 2005.

BRASIL. **Lei 10.831**. Brasília: Diário Oficial da União, 24 dez. 2003.

CALDAS, Eduardo. **Entrevista realizada na BIOFACH 2007**. Disponível em: <<http://www.apexbrasil.com.br/biofach2007>> Acesso em: 25 ago. 2007.

CERVO, Amado Luiz; BERVIAN, Alcino. **Metodologia Científica**. 5ª. ed. São Paulo: Prentice Hall, 2002.

DAROLT, Moacir. Pecuária Orgânica: Procedimentos Básicos para um Bom Manejo da Criação. **AgroOnline – O Site da Agropecuária**. Publicado em: 22 mai. 2001. Disponível em: <<http://www.agronline.com.br/artigos/artigo.php?id=30>> Acesso em: 20 ago. 2007.

DAROLT, Moacir. Cenário Internacional: Situação da Agricultura Orgânica em 2003. **Instituto Agrônômico do Paraná – IAPAR**. Paraná, 2003.

EHLERS, Eduardo. **Agricultura Sustentável**. São Paulo: Agropecuária, 1999.

FAO, **FOOD AND AGRICULTURE ORGANIZATION OF THE UNITED NATIONS**. *World agriculture: towards 2015/2030*. Disponível em: <<http://www.fao.org/organicag>> Acesso em: 10 ago. 2007.

FIGLIOLINI, Homero J. **Palestra, apresentada no II Simpósio Nacional da Raça Simental**. Salvador, 2002. Disponível em: <http://www.simentalsimbrasil.com.br/simposios/2002/palestra_carne_organica.html> Acesso em: 10 ago. 2007.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 5 ed. São Paulo, Atlas, 1999.

HADDAD, C. M.; ALVES, F. V. Boi orgânico reflete consciência ambiental. **Revista Visão Agrícola – USP/ESALQ**, n.3, ano 2, jan/jun 2005.

HART, Stuart L. *A natural-resource-based view of the firm*. **Academy of Management Review**, vol. 20, n. 4, p. 986-1014, 1995.

HART, Stuart L. Innovation, Creative Destruction and Sustainability. **Research Technology Management**, vol. 48, n. 5, 21-27, 2005.

IBD, **IBD Certificações**. Disponível em: <<http://www.ibd.com.br>> Acesso em: 23 ago. 2007.

MALHOTRA, Naresh. **Pesquisa em Marketing: uma orientação aplicada**. 3ª ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

MAMEDE, Nelson. **Entrevista concedida ao site Planeta Orgânico**. Disponível em: <<http://www.planetaorganico.com.br/>> Acesso em: 10 ago. 2007.

NOGUEIRA, Jorge Madeira; AZEVEDO, Andréa Aguiar. Gestão de Recursos Naturais e do Meio Ambiente: Desafios Ambientais da Bovinocultura Brasileira. **Anais do Encontro Internacional dos Negócios da Pecuária – ENIPEC 2002**. Cuiabá, 2002.

PALMA, Lisiane Célia. A Sustentabilidade na Cadeia Orgânica de Citrus: Um estudo na cooperativa Ecocitrus. Dissertação de Mestrado. Centro de Estudos e Pesquisas em Agronegócios, **Universidade Federal do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre, 2007.

PRÓ-ORGÂNICO. **Movimento Pró-Orgânico do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento** – Situação da Agropecuária Orgânica em 2006. Brasil. Disponível em: <<http://www.agricultura.gov.br/pls/portal/url/ITEM/16E49C0F7966DCF4E040A8C075024F5B>> Acesso em: 22 ago. 2007.

SANTOS, Antônio Raimundo dos. **Metodologia Científica: a construção do conhecimento**. 3 ed. Rio de Janeiro, DP&A, 2000.

SHARMA, Tara; CARMICHAEL, Jeff e KLINKENBERG, Brian. *Integrated modeling for exploring sustainable agriculture futures*. **Futures**. v. 38. p. 93-113, 2006.

SHRIVASTAVA, Paul. *Ecocentric management for a risk society*. **Academy of Management Review**. v. 20, n.1, p. 118-137, 1995.

STARIK, Mark; RANDS, Gordon P. *Weaving an integrated web: multilevel and multisystem perspectives of ecologically sustainable organizations*. **Academy of Management Review**. v. 20, n. 4, p. 908-935, 1995.

TAKITANE, I. C.; SILVA, T. N. da. Sustentabilidade da produção na suinocultura paulista de alta tecnologia e o dilema da poluição: dados preliminares. **9ª Reunião da Sociedade Brasileira de Pesquisadores Nikkeis**. Bauru, 2001.

USDA, United States Department of Agriculture. Disponível em: <<http://www.ams.usda.gov/nop/Consumers/brochure.html>> Acesso em: 17 ago. 2007.

WILLER, Helga; YUSSEFI, Minou. *The World of Organic Agriculture: Statistics and Emerging Trends*. Bonn: International Federation of Organic Agriculture Movements, 2005.

WCED, **World Commission on Environment and Development**. Our Common Future. Switzerland, 1987. Disponível em: <<http://www.un-documents.net/ocf-02.htm>> Acesso em: 15 ago. 2007.

WWF, **WWF-BRASIL**. Disponível em: <<http://www.wwf.org.br>> Acesso em: 10 ago. 2007.